

Imagens e Personagens de Fora do Centro: o Papel do Telejornal na Articulação de uma Metrópole Fragmentada¹

Taiga Corrêa Gomes²

Programa de Pós Graduação em Comunicação da PUC-Rio

Resumo

O presente ensaio pretende levantar questões acerca do papel do telejornal local como agente integrador da região metropolitana do Rio de Janeiro e do perfil assistencialista do telejornalismo comunitário. O objeto específico observado é um quadro do *RJTV primeira edição*, da *TV Globo*, focado na cobertura da região da Baixada Fluminense, área que abriga uma população de baixa renda e que recebe pouca atenção do poder público. O objetivo deste trabalho é observar como se dá a mediação do telejornal local na relação dos cidadãos com o espaço público.

Palavras-chave

Telejornalismo; Assistencialismo; Cidade; Comunidade; Mediação.

Os meios de comunicação se constituem cada vez mais como mediadores da nossa relação com o espaço público. Se na rua da cidade caótica nos sentimos em um espaço fragmentado, desarticulado, inseguro, é paradoxalmente de dentro de casa que nos conectamos com o urbano. Mesmo que não seja fisicamente, é através da mídia que ordenamos nossas percepções do mundo público. O jornalismo conduz nossa opinião, nos coloca em contato com a política, nos informa o que acontece fora da nossa privacidade.

Jesús Martín-Barbero chama a atenção para o fato de que “os novos modos de simbolização e ritualização do laço social estão cada dia mais entrelaçados às

¹ Trabalho apresentado ao NP Jornalismo, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Graduação em Comunicação Social pela PUC-Rio concluída em 1996. Mestrado em Comunicação Social pela PUC-Rio em andamento. Membro do NAPS - Grupo de Pesquisa em Jornalismo: Narrativas e Práticas Sociais (PPGCOM -PUC-Rio / CNPq)

Experiência profissional: Globonews (1996 a 1999), nos respectivos cargos: editora de imagem, editora de texto (Conta Corrente) e apresentadora.

redes comunicacionais e aos fluxos informacionais”.³ No mesmo caminho, Fernando Resende propõe uma ressignificação do papel dos meios de comunicação na sociedade:

Ainda que não seja possível falar de uma sociedade justa construída com a ajuda dos meios de comunicação, podemos falar de uma sociedade que vem construindo discursos/atos que nela repercutem também através dos meios, formas que muitas vezes se constroem com os meios. Faz-se necessário, sob essa perspectiva, reler os meios de comunicação, entendê-los instrumentos pelos quais se operacionaliza o processo de comunicação, aqui entendido não exclusivamente como modo de imposição de saber, mas antes, como processo – porque dinâmico – através do qual os saberes transitam.⁴

O presente ensaio pretende partir de uma visão da comunicação social como um processo que articula emissor e receptor para levantar questões acerca do papel assistencialista e intervencionista do telejornalismo na cidade. O telejornal é visto aqui como um mediador entre cidadão e espaço público, um espaço que de alguma forma, mesmo que seja meramente simbólica, conecta o telespectador à sua cidade e o coloca em diálogo com o poder público.

O telejornalismo que nos mostra a cidade

Na cidade disseminada e impossível de ser abarcada, só o meio possibilita uma experiência-simulacro da cidade global: é na televisão que a câmera do helicóptero nos permite alcançar uma imagem da densidade do tráfego nas avenidas ou da vastidão e desolação dos bairros de invasão; é na TV ou no rádio que, cotidianamente, *nos conectamos* com o que, na cidade, “e m que vivemos”, sucede e nos diz respeito, por mais longe que estejamos de tudo (...).⁵

³ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de Cartógrafo: Travessias Latino-Americanas da Comunicação na Cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p.258.

⁴ RESENDE, Fernando. *A Comunicação Social e o Espaço Público Contemporâneo*. ALCEU: Revista de Comunicação, Cultura e Política. v.5, n.10, jan/jun.2005, Rio de Janeiro: Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, p.136.

⁵ MARTÍN-BARBERO, 2004, p.293

A televisão hoje contribui para que cidadão e cidade se articulem. O telejornal é freqüentemente o mediador entre população e poder público, espaço de denúncias e reivindicações. O que Beatriz Sarlo chama de “paternalismo televisivo” está cada vez mais presente na atuação do jornalismo audiovisual, principalmente quando direcionado a questões locais.

Quando um telespectador telefona para a redação de um telejornal para reivindicar um serviço de competência do poder público, podemos supor que a confiança nos caminhos oficiais se enfraquece e que os meios de comunicação assumem o papel da eficiência. Se a câmera entra em cena, a autoridade é obrigada a se mostrar competente. A intervenção da imagem se torna cada vez mais fundamental para que o Estado cumpra seu papel.

Podemos supor que quando vê na TV a notícia que afeta seu cotidiano, o telespectador se sente mais pertencente à sua comunidade. Michel Maffesoli (2003) explica que a informação tem uma força relacional por ser capaz de estabelecer comunhão entre indivíduos e grupos:

(...) as pessoas não querem só informação na mídia, mas também e fundamentalmente ver-se, ouvir-se, participar, contar o próprio cotidiano para si mesmas e para aqueles com quem convivem. A informação serve de cimento social. Mais do que saber se Bush vai ou não invadir o Iraque, um leitor, um ouvinte, um telespectador distante da área desse conflito que saber, com freqüência, de coisas muito menos sérias, mas não menos importantes para a coesão social.⁶

Seriam essas “coisas menos sérias” as notícias do cotidiano, da cidade? Nossa hipótese é a de que a relação do receptor com as notícias globais é diferente da relação com as notícias locais. Os fatos distantes, internacionais, ou de interesse nacional, considerados importantes para serem divulgados em telejornais gerados para todo o país, interessam ao telespectador mais por uma relação de projeção. Já as notícias que nos interessam aqui, as locais e cotidianas, atraem por identificação, são compartilhadas por serem mais próximas do universo do receptor.

⁶ MAFFESOLI, Michel. *A Comunicação sem Fim (Teoria Pós-Moderna da Comunicação)*. Revista FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia, n° 20, Abril 2003, Porto Alegre: Departamento de Comunicação Social da PUC-RS, p.15.

O telejornalismo local vem ganhando força nos últimos anos e adquirindo gradativamente um perfil mais comunitário. Pautas direcionadas a questões que afetam o cotidiano dos cidadãos conquistam um espaço maior entre as notícias da cidade. Temas como violência, política e grandes eventos são tradicionalmente considerados fatos a serem divulgados. O que nos interessa aqui é olhar mais de perto a notícia banal, que afeta o dia-a-dia da cidade, a chamada pelo jargão jornalístico de “buraco de rua” – problemas muitas vezes de fácil solução, que só não são resolvidos por causa da ineficiência ou desatenção dos órgãos competentes, principalmente quando se trata de bairros de baixa renda.

O objeto que este ensaio pretende analisar mais especificamente é o telejornal local *RJTV primeira edição*, veiculado de segunda a sábado pela TV Globo do Rio de Janeiro. Algumas iniciativas tomadas por este telejornal recentemente justificam a escolha: foi inaugurado há pouco mais de um ano um escritório do *RJTV* na Baixada Fluminense, na região metropolitana do Rio de Janeiro; foi aberto um canal de comunicação com os telespectadores, com a divulgação de um telefone da redação para receber sugestões de pauta; e uma coluna que vai ao ar em média três vezes por semana, o *RJ nos bairros*, privilegia pautas originadas de reclamações de moradores. Este tipo de iniciativa evidencia um direcionamento para um público mais popular, moradores de bairros menos assistidos pelas autoridades.

Um Rio de Janeiro fora do cartão postal

No Rio de Janeiro, perante as paisagens que são cartão postal do país, se debruçam favelas desamparadas pelo Estado e agredidas pelo tráfico de drogas. Para elas não conseguimos deixar de olhar. A elite da cidade, os moradores da Zona Sul, os formadores de opinião, se confrontam diariamente com essa realidade que nos enche de culpa e de insegurança. O que acontece nas favelas naturalmente tem seu lugar na imprensa carioca, porque afeta o cotidiano dos cidadãos mais privilegiados. Uma guerra na Favela da Rocinha impede muitos de chegarem ao trabalho, um tiroteio na Linha Vermelha interrompe o trânsito de quem chega pelo

Aeroporto Internacional. Já a Baixada Fluminense, é uma área que fica fora do olhar de quem mora na área da cidade chamada de “maravilhosa”. A distância espacial equivale à distância do poder público. Quanto mais longe da área nobre, menos assistida é a região.

Composta por treze municípios que fazem parte da região metropolitana do Rio de Janeiro, ou Grande Rio, a Baixada Fluminense tem cerca de quatro milhões de moradores, e responde por uma grande parcela da audiência do *RJTV*. No aniversário de um ano da inauguração do escritório do telejornal em Duque de Caxias, principal município da região, o *RJTV primeira edição* foi ancorado de lá e foi feito um balanço da cobertura na região.

Este ensaio, ao fazer uma leitura dessa edição do telejornal, que foi ao ar no dia 25 de Abril de 2006, procura pensar se, de alguma forma, a cobertura de uma região escondida e marginalizada influencia na maneira com que ela é vista pelo Rio de Janeiro dominante. O papel assistencialista do telejornal local também será avaliado. O objetivo aqui não é encontrar respostas, mas sim levantar questões e abrir caminhos para reflexões futuras. De que maneira a chegada da TV Globo afeta a relação do poder público com os municípios? Dar voz aos excluídos tem algum resultado significativo? Chamar a atenção para as mazelas de uma região discriminada, mostrá-las pela câmera, pode beneficiar aquela população de maneira significativa ou serve apenas para agradar a audiência que vem de lá?

Um ano de *RJ* na *Baixada*

O telejornal especial comemora o primeiro aniversário do escritório na Baixada Fluminense. No dia 25 de Abril de 2006, o apresentador Márcio Gomes, que normalmente fica dentro do estúdio, ancora o *RJTV primeira edição* de uma praça no centro do município de Duque de Caxias:

Há um ano foi fundada a base de jornalismo do *RJTV* na Baixada Fluminense. É aqui que todos os dias, uma equipe que permanentemente fica por aqui, cobre não apenas Caxias, mas todos os treze municípios da Baixada Fluminense. Mostra os seus

problemas, mas também sua cultura, o lazer, as características desta terra e desta gente, que mora por aqui e constrói este lugar.⁷

Atrás do apresentador, separados por uma grade de metal, moradores de Duque de Caxias com cartazes se acotovelam para ver de perto a transmissão. Em Nova Iguaçu, maior município da Baixada Fluminense, está o repórter Vandrei Pereira, em frente à “urna do RJ”, uma urna eletrônica montada pelo telejornal que durante toda a semana está computando os votos de moradores dos principais municípios da região. A eleição é para escolher a imagem que melhor representa a Baixada Fluminense. As pessoas formam fila e votam em uma das oito imagens que foram pré-selecionadas por “estudiosos” da Baixada. No final da semana, viríamos a conhecer a vitoriosa: Reserva do Tinguá. Em volta da “urna do RJ”, uma festa: todos querem aparecer para a câmera. Ao fundo, sambinha, gritaria.

Para mostrar o cenário econômico da Baixada Fluminense entra em cena uma longa reportagem. O repórter Vandrei Pereira narra duas realidades contrastantes: a rural e a urbana. O telejornal tenta descrever as mudanças que ocorreram na área econômica durante o primeiro ano da nova base de jornalismo. A futura instalação de um pólo petroquímico gera expectativa de desenvolvimento e geração de postos de trabalho, uma das maiores demandas da população, que por falta de opções perto de casa, disputa empregos no Rio de Janeiro. Em Duque de Caxias, quatorze empresas do setor plástico ergueram seus prédios. A informação é ilustrada por imagens que mostram o desenvolvimento urbano da cidade. O repórter declara que “quem se preparou, garantiu uma das dez mil vagas de trabalho abertas aqui”. Em outro município, quatro mil vagas ficaram na promessa. O desenvolvimento industrial não chega para todos. Muitos ainda não podem trabalhar perto de casa. Wellington, desempregado, ilustra a situação: “Tudo é lá embaixo, no Rio. Quando aparece a entrevista, você vai ansioso, você passa em todos os quesitos, aí chega no principal: passagem, quanto custa a sua passagem?”.

Longe da área urbana, a precariedade se intensifica. O poder público não chega na região parada no tempo. A falta de pavimentação nas estradas dificulta o escoamento da produção rural. As imagens mostradas agora contrastam com as de

⁷ Esta e as transcrições seguintes foram obtidas da gravação do *RJTV primeira edição*, que foi ao ar no dia 25 de Abril de 2006.

desenvolvimento urbano. Um enorme área de montanhas riscadas por trilhas de terra. Os produtores rurais, apesar de organizados, encaram diariamente uma rotina que não imaginamos existir tão perto da Cidade Maravilhosa. Um deles descreve a dificuldade que tem para escoar sua produção agrícola:

O sitiante gera sua receita com manga, caqui, acerola (...) produzimos muito, mas a maioria (da produção) ela se estraga, né? Os acessos são difíceis, trazer no lombo do burro, não tem condição, e nem todo mundo tem um burro(...). Trazer nas costas? Eu acho que o tempo da escravidão já acabou, né? Precisamos é que o poder público nos dê atenção, que olhe para essa classe trabalhadora.

A reportagem dá seqüência a uma entrevista com um professor, economista, estudioso da Baixada. Existem projetos de capacitação profissional e boas perspectivas de geração de postos de trabalho para os próximos anos. Isto nos centros urbanos; quanto à população rural, fica o depoimento do agricultor que tem que apelar para o lombo do burro.

A edição do *RJTV* se encaminha para o final e personalidades da região entram em cena: um grupo profissional de dança se apresenta, um campeão carioca de vôlei de praia responsável por um trabalho social em sua terra natal dá seu depoimento: “o esporte transforma”.

O apresentador, deslocado do Rio para Caxias por causa da festa, resume assim a relação do telejornal com seus espectadores:

Dia de festa aqui no centro de Duque de Caxias, onde centenas de pessoas acompanham esta transmissão ao vivo do *RJTV* celebrando este primeiro aniversário do RJ na baixada. Muita gente que ajuda o RJ todos os dias com sugestões de matérias, com entrevistas, mas também, é claro, querem aparecer, como todo mundo gosta de aparecer na televisão.

Uma entrevista com um líder comunitário, seu Jorge, arremata a comemoração: “Graças a Deus e graças a vocês hoje nós temos vez e voz. Um ano de sucesso hoje, muita coisa melhorou na Baixada”.

Questões

No lugar do caudilho político, que fazia a mediação entre seus seguidores e as instituições, a estrela televisiva é uma mediadora sem memória, que esquece tudo entre um intervalo comercial e o outro, e cujo poder não reside na solução dos problemas de seus protegidos, e sim na oferta de um espaço de reivindicações e, também, de indenizações simbólicas. Como os solitários que vão à televisão em busca de namoradas, os esquecidos e os rejeitados procuram nela o ouvido que não encontraram em outra parte.⁸

Indenizações simbólicas. A autora argentina Beatriz Sarlo talvez tenha definido nesta expressão o que efetivamente o telejornalismo que se propõe a um papel assistencialista consegue realizar. No imaginário dos moradores da Baixada, eles estão sendo finalmente representados agora que o telejornal se inseriu em sua realidade. A pergunta que fica é se concretamente algo mudou na região depois da intervenção jornalística. Mas mesmo com esse questionamento, podemos olhar para a iniciativa por um viés positivo, se pensarmos que alguma representação, mesmo que precária, seja melhor do que nenhuma.

A TV Globo se utiliza de um jornalismo comunitário para fixar sua imagem de poder paternalista. Entretanto, não podemos deixar que uma visão crítica apague o que provavelmente é uma intenção genuína de tentar intervir positivamente naquela comunidade. O problema do agricultor que transporta sua produção em lombo de burro ao menos foi divulgado. A realidade dura do moradores de Mesquita não está mais tão escondida da Cidade Maravilhosa.

De alguma maneira, através do telejornal, a região metropolitana do Rio de Janeiro se comunica. Comunicação esta que sem a intervenção da televisão não aconteceria. A maioria dos moradores da cidade do Rio de Janeiro nem sabe que o município de Mesquita existe, e sobre Duque de Caxias e Nova Iguaçu, provavelmente só ouviu falar. Os municípios de baixa renda, longe do cartão

⁸ SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004, p.78.

postal, pertencem à região metropolitana do Rio fisicamente, mas não fazem parte do imaginário que temos da cidade.

As grandes cidades da América Latina são feitas do contraste entre uma elite desenvolvida e uma maioria que luta para sair da pobreza. Néstor García Canclini diz que em nosso continente “as tradições ainda não se foram e a modernidade não terminou de chegar” (CANCLINI, 2003). O autor fala da dificuldade que temos de narrar a cidade:

Como falar da cidade moderna, que às vezes está deixando de ser moderna e de ser cidade? O que era um conjunto de bairros se espalha para além do que podemos relacionar, ninguém dá conta de todos os itinerários, nem de todas as ofertas materiais e simbólicas desconexas que aparecem.⁹

Metrópole expandida para além das fronteiras da cidade, o Rio de Janeiro que se desenvolve desordenadamente se configura cada vez mais como um lugar de contrastes. O jornalismo televisivo, direcionado à cobertura de assuntos locais, tenta falar desta metrópole, tenta assumir um papel de articulador das várias cidades que convivem, mas não se integram. O fracasso do poder público em cumprir seu papel, principalmente no caso dos municípios de baixa renda, abre espaço para que o telejornal tome para si a responsabilidade de denunciar, de dar voz à população, de fazer com que os cidadãos se sintam representados, nem que seja apenas simbolicamente.

Seu Jorge, o líder comunitário, diz em seu depoimento que “muita coisa mudou na Baixada” depois que o *RJTV* aumentou sua cobertura na região. Ele diz que agora os moradores têm “vez e voz”. Resta saber se isto acontece concretamente ou só em seu imaginário.

Considerações Finais

⁹ CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. São Paulo, Edusp, 2003, p.20.

O presente ensaio faz parte de uma pesquisa em desenvolvimento que pretende utilizar o telejornalismo local do Rio de Janeiro para falar de pertencimento, comunidade, assistencialismo, mediação. O foco da pesquisa são as notícias do cotidiano, que interessam ao receptor por uma relação de identificação. Nossa hipótese é a de que através do telejornal que fala do dia-a-dia de cidade, o cidadão se sente mais pertencente a ela, neste momento em que a tendência é que nos sintamos cada vez mais desconectados do urbano que se fragmenta.

Consideramos que olhar para o telejornal como um mediador entre telespectador e cidade seja um caminho para estudar a comunicação como um processo, olhar para a articulação entre emissor e receptor, de que maneira eles se relacionam. Tanto os jornalistas que produzem o telejornal quanto os telespectadores estão inseridos no mesmo espaço urbano. A cidade pode ser vista como realidade partilhada pelos dois pólos do processo de comunicação.

Podemos falar que telejornal e telespectador interagem mais concretamente por estarem partilharem do mesmo espaço? Tentamos aqui pensar esta hipótese, encontrar um caminho que talvez fuja um pouco da distância que muitas vezes sentimos em relação ao jornalismo.

Referências Bibliográficas

CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. São Paulo, Edusp, 2003.

MAFFESOLI, Michel. *A Comunicação sem Fim (Teoria Pós-Moderna da Comunicação)*. Revista FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia, n° 20, Abril 2003, Porto Alegre: Departamento de Comunicação Social da PUC-RS.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de Cartógrafo: Travessias Latino-Americanas da Comunicação na Cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

RESENDE, Fernando. *A Comunicação Social e o Espaço Público Contemporâneo*. ALCEU: Revista de Comunicação, Cultura e Política. v.5, n.10, jan/jun.2005, Rio de Janeiro: Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004